

QUESTÃO 36.

Situação: Improcedente.

RECURSO:

O candidato alega que “Conforme Barros Filho, em relação ao conceito de objetividade, os fatos deveriam ser transmitidos de forma linear, sem interpretações, adjetivações e valorações. O humor e qualquer traço de subjetividade nos artigos, se percebidos, eram refutados e suprimidos. Ou seja, a questão C é a correta.”

JUSTIFICATIVA:

À exceção de alguns manuais de jornalismo, cuja literatura é técnica e não teórica, que insistem numa visão mecanicista da linguagem, todas as demais teorias do Jornalismo, da Comunicação, da Linguagem e, principalmente, do Discurso defendem uma perspectiva que ultrapassa a chamada visão sistêmica da Língua, ou seja, a que pressupunha ser a linguagem um sistema refratário a todas as influências dos demais sistemas, em cada uma das suas vertentes; sócio-político e econômica.

No estado atual da arte, a perspectiva predominante na abordagem da linguagem, da humana à midiática, incluso a jornalística, afasta-se em muito da proposta gerativista ou estruturalista, para as quais a Língua devia ser entendida de forma reificada, isto é, tratada como objeto abstraído do contexto social.

Assim sendo, conforme defendem Faraco e Tezza (2003), entre outros autores, não existe uma informação pura, no sentido de desinteressada ou desengajada. Por isso mesmo, sobre o texto jornalístico informativo, cabe dizer que tanto o gênero expositivo quanto o narrativo trazem à tona pontos de vista que são elementos constitutivos de toda enunciação - de tudo que interpretamos, ouvimos, lemos, dizemos e escrevemos. Ambos os gêneros são considerados discursos “reportados”, no sentido de se reportarem ao que jornalistas e entrevistados expressam em relação ao assunto tratado. Expressar-se não significa necessariamente, no caso do jornalista, dizer o que pensa, mas adotar (explícita ou implicitamente) recursos da linguagem, tais como opção lexical do uso de um verbo que irá interferir na construção de sentido. Por exemplo, quando um jornalista afirma que um dos entrevistados “avaliou” tal situação, ainda que pretenda se distanciar desta avaliação, inexoravelmente, a sua interpretação está presente na definição de que se trate de uma avaliação propriamente dita. Quanto ao ato de interpretar, o mesmo ocorreria se a sua opção fosse por dizer que o entrevistado “garantiu”, ou seja, estaria assumindo que havia sido dada uma garantia naquele depoimento, em relação ao qual, neste caso, estaria menos distante, pelo fato de “afiançar” tal garantia, à medida que interpreta como tal.

Por fim, é importante entender a aplicabilidade da Teoria da Enunciação Polifônica, referência teórica comumente adotada na matriz curricular dos cursos de graduação de Comunicação Social, para se reconhecer que todo enunciado é produzido por alguém, que ocupa um determinado lugar, num dado contexto de enunciação, razões pelas quais as ditas; objetividade, isenção e neutralidade podem continuar sendo pretendidas, mas não verificadas na linguagem.

Pelo exposto acima, justifica-se o fato das questões A, B, e C estarem incorretas. Por outro lado, é necessário ressaltar ainda que, conforme afirma Nelson Traquina, em Teorias do Jornalismo, o conceito de objetividade não deve ser reduzido à simples dicotomia entre objetividade e subjetividade.

Michael Schudson (1978) se ateu detidamente a esta questão em sua tese de Doutorado e concluiu que o conceito de objetividade não surgiu, na história do jornalismo, como negação à subjetividade, mas sim como o reconhecimento de sua inevitabilidade, tendo se materializado em procedimentos – dentre eles, as técnicas

de redação - que servem para assegurar a credibilidade e protegerem os jornalistas contra eventuais críticas ao seu trabalho. Dessa forma, conclui-se que a alternativa correta é a letra D.

Desta forma fica mantido o gabarito, uma vez que o recurso é improcedente

Fonte Bibliográficas:

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BENITES, S.A.L. **Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico**. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo editorial Proleitura, 2002.

CORRÊA, M L G. **Linguagem e comunicação social: visões da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

DUCROT, O. "Esboço de uma teoria polifônica da enunciação". *In: O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1987..

KOCH, I G. V. **O Texto e a construção dos sentidos**. São Paulo, Contexto, 2002

_____ **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006

KOCH, I. G.V; BENTES, A.C; CAVANCANTE, M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo:Cortez, 2007.

LAGE, N. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Àtica, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **A ação dos verbos introdutórios de opinião**. *In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de Comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza e Silva. Décio rocha. São Paulo, Cortez, 2001.

SHUDSON, Michael. **Discovering the news**. New York: Basic books, 1978.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume I. Porque as notícias são como são. Florianópolis. Ed: Insular, 2004.

QUESTÃO 42.

Situação: Improcedente

RECURSO:

Solicita a anulação da questão argumentando que o gabarito considerou a alternativa certa a letra A (Todas as afirmativas estão corretas). No entanto nem todas as afirmativas estão corretas, de acordo com análise baseada em referências citadas no corpo do recurso. Não há alternativa em que as afirmativas II e III são consideradas corretas.

JUSTIFICATIVA:

Maria Tereza Leme Fleury, professora livre-docente na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, grande pesquisadora e escritora da área de cultura e poder nas organizações ao citar Edgar Schein, assim refere:

Ele atribui, no entanto, a maior importância ao papel dos fundadores da organização no processo de moldar seus padrões culturais: os primeiros líderes, ao desenvolverem formas próprias de equacionar os problemas da organização, acabam por imprimir a sua visão de mundo aos demais e também a sua visão do papel que a organização deve desempenhar no mundo

Ao discutir técnicas possíveis de investigação dos fenômenos culturais de uma organização, Schein confere grande relevância às entrevistas com estes membros fundadores, elementos-chave da organização. (Schein apud Fleury et al 1989, pag 06.)

Para Alfredo Behrens, professor de gestão intercultural no MBA Internacional da Universidade de São Paulo,

a cultura de uma organização é uma mistura das culturas de seu fundador e de seu país de origem. Esta é mais fácil de se observar quando traduzida em pequenos códigos de conduta.

Desta forma fica mantido o gabarito, uma vez que o recurso é improcedente

Fonte Bibliográficas:

FLEURY, Maria Tereza Leme. **Estórias, mitos, heróis: cultura organizacional e relações do trabalho.** *Rev. adm. empres.* [online]. 1987, vol.27, n.4, pp. 7-18. ISSN 0034-7590. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75901987000400003&script=sci_arttext. Acesso aos 24/06/2014

QUESTÃO 44.

Situação: Improcedente.

RECURSO:

No primeiro item, afirma-se: ??A comunicação precisa ser pensada de forma estratégica nas organizações, já que, a forma como os indivíduos se comunicam pode alterar a cultura que compartilham e, portanto, a identidade organizacional. ?? Apesar de ser evidente a importância de se pensar a comunicação de forma estratégica, afirmar que a comunicação entre os indivíduos pode alterar a cultura que compartilham é o mesmo que subjugar a importância dos valores organizacionais na consolidação da formação dos colaboradores, como se o processo de transformação dependesse exclusivamente dos indivíduos e de seus valores prestabelecidos. No entanto, há vários estudos que comprovam que essa relação é dialética, podendo a organização também influenciar na forma que os colaboradores vêem sua cultura. Um desses pensadores é Max Pagès (1990), autor do livro O poder das organizações. Segundo Pagès, o desejo de fazer carreira impulsiona o indivíduo pela obrigação de vencer e não mais pela obrigação de trabalhar. Uma vez acionado o dispositivo, não é necessário impor grande carga de trabalho, nem mesmo fiscalizar o tempo que cada indivíduo passa no trabalho, pois o indivíduo é tomado por uma tentativa perpétua de superar-se. Para satisfazer essa ambição ele aceita a escravidão e a renúncia de si mesmo. Sendo assim, instala-se a ilusão de poder, baseada na dependência e na submissão do indivíduo, que deixa de se pertencer, e, mais do que a perda da autonomia, há ?a perda da identidade? (Pagès, 1990, p. 141). Como resultado da despersonalização, a empresa e não mais a casa passa a ser o local ao qual a identidade se vincula (espaço privado), lugar tradicionalmente vinculado à construção da identidade. Sendo assim, pede-se a alteração do gabarito para a alternativa ?A??.

JUSTIFICATIVA:

A cultura organizacional pode ser modificada em função de fatores externos, interagindo e adaptando-se ao ambiente, ou por fatores internos, como, por exemplo, quando da mudança de líderes, onde novos elementos assumem com uma nova visão do negócio.

Johann (2004) defende que a cultura organizacional pode ser modificada de forma consciente e planejada desde que haja um gerenciamento efetivo.

Desta forma fica mantido o gabarito, uma vez que o recurso é improcedente

Fonte Bibliográficas:

JOHANN, S. L. **Gestão da cultura corporativa: como as organizações de alto desempenho gerenciam sua cultura organizacional**. São Paulo: Saraiva, 2004.

QUESTÃO 50.

Situação: Improcedente.

RECURSO:

De acordo com alegação do candidato: “ A afirmativa II desta questão está equivocada ou incompleta:II. documenta um cotidiano de guerra civil, marcado nos últimos dez anos pelo confronto entre povos indígenas e os grandes proprietários de terra ligados ao agronegócio, que somente na reserva indígena dos Kaiowás, em Dourados, registrou uma taxa de assassinatos que ultrapassa a de países em guerra e é 495% maior que a média brasileira.[até aqui reproduz o enunciado da questão; e partir deste ponto emenda com a sua redação de recurso, sem a devida demarcação!] Veja que no documentário não marca apenas os últimos 10 anos de confronto entre os índios e os grandes proprietários de terra, já este também dá ênfase que há décadas indígenas do Mato Grosso do Sul vem sofrendo esses agravos.

<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-milanez/martirio-um-filme-que-o-brasil-precisa-ver-7549.html>”

JUSTIFICATIVA:

O próprio candidato revelou a inconsistência da sua alegação, quando se refere ao item II da citada questão como sendo *equivocada* ou *incompleta*. Considerando a forma pela qual foi colocada a sua alegação, esta dá margem a, no mínimo, duas pressuposições (e seus respectivos entendimentos). A primeira, mais grave, a de que não tenha uma definição do problema que apresenta; afinal cada um dos conceitos referidos remete a um tipo de situação. “Estar enganada” parece bastante diferente de “Não estar completa”. A segunda pressuposição refere-se à possibilidade dos dois termos serem tratados como sinônimo, o que ao contrário de atenuar a gravidade, a acentua ainda mais, pois- nesse caso- a alegada “incompletude” é associada à “incorreção”. Em outras palavras, significaria dizer que se trata de um “equivoco” uma colocação ser-eventualmente- incompleta. Ora, na contemporaneidade, nem o Jornalismo, nem mesmo a Ciência Moderna tem a pretensão do conhecimento verdadeiro, no sentido de absoluto, em relação ao qual não se diga mais nada *ad perpetuam*.

Ademais, foi dada ênfase num aspecto de um item que não é relevante na compreensão mais abrangente da questão. O discurso jornalístico, na reportagem da Revista Carta Capital, enquanto mídia impressa, tem mais espaço para contextualizar um fato, que uma sentença de prova, cujo discurso pedagógico tenha de ser resumido no seu modo de formulação. Para elucidar esta justificativa, mencionaremos dois aspectos da coerência textual, da qual decorre a construção de sentido; o interno (entre enunciados) e o externo (em relação à realidade exterior). Do ponto de vista da coerência interna do texto, do item II, cabe sim dizer em relação ao filme-documentário Martírio, que “Documenta um cotidiano de guerra civil, marcado nos últimos dez anos pelo confronto entre povos indígenas e os grandes proprietários de terra ligados ao agronegócio que somente na reserva indígena dos Kaiowás, em Dourados, registrou uma taxa de assassinatos que ultrapassa a de países em guerra e é 495% maior que a média brasileira”. Mais especificamente, ressaltamos que o termo **marcado**, constitui-se num elemento de coesão referencial anafórica; assim refere-se ao **cotidiano**, cujo sentido de agravamento é completado nas informações que se seguem e dão base à comparação com um cenário de guerra civil. Em momento algum, o texto do item II afirma que o documentário marca apenas os últimos 10 anos de confronto, conforme alega o texto do recurso. Por fim, a coerência externa (fundamental à compreensão mais ampla de qualquer assunto) conforme defende o socio-interacionismo, depende da

construção de sentido, cujo processo envolve desde a interpretação do texto, feita pelo sujeito durante a leitura, até o seu entendimento ao considerar o contexto histórico ao qual se refere. Assim sendo, independentemente de algumas referências vagas do próprio texto da Carta Capital, tais como “alguns anos” e “algumas décadas”; faz parte da cognição social a informação de que os conflitos de terra no Brasil, não só os relativos aos sofridos povos indígenas, muito mais do que fatos atuais, são problemas sociais que atravessam os séculos!. Desde modo, considerando os aspectos interno e externo da coerência textual do referido ítem da prova, vale frisar o seguinte: ao se dizer que a situação tem se agravado e o cotidiano seja marcado nos últimos 10 anos, por um índice alarmante de assassinatos, não se desdiz que o conflito de terra, temática de fundo tratada no documentário, tenha caráter secular!

Desta forma fica mantido o gabarito, uma vez que o recurso é improcedente

Fonte Bibliográficas:

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350:Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CERTEAU, Michael. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARAUDEAU.Patrick.Discurso das mídias. Trad. de Angela Corrêa.São Paulo:Contexto,2006.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Os sentidos da Tradição** in Comunicação e Cultura. (Orgs. Alexandre Barbalho, Raquel Paiva. São Paulo: Paulus, 2005.

RIBEIRO, Berta Gleizer. *O Índio na História do Brasil*. São Paulo, Global editora, 2001.

Consulta eletrônica

O índio Hoje. Disponível em www.mre.gov.br/portugues/noticiario. Acesso em: 14 maio 2009

O retrato do índio brasileiro. Disponível in> www.diariodonordeste.globo.com. Acesso em: 14 maio 2009

Martírio-Um filme que o Brasil precisa ver. Disponível: [//www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-milanez..](http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-milanez..) Acesso em:18 de junho de 2014”

QUESTÃO 52

Situação: Procedente.

RECURSO:

Pede anulação da questão, apontando a existência de dois itens idênticos (II e II) na alternativa B.

JUSTIFICATIVA:

A questão será anulada por apresentar duas referências ao mesmo ítem; o de nº II, na alternativa B da citada questão .

A Banca se manifesta pela ANULAÇÃO da questão.

QUESTÃO 53.

Situação: Improcedente.

RECURSO:

O candidato alega o seguinte: “Um dos itens apontados como verdadeiro traz uma incoerência”. Ele reproduz o II item da referida questão que diz: “(II) Considerando a falta de credibilidade de determinadas informações veiculadas na internet, cuja procedência seja duvidosa, para o trabalho jornalístico continua sendo elementar o levantamento e checagem dos dados junto aos envolvidos no fato, no contexto presencial ou não”. Alega que “se o levantamento e checagem dos dados deve ocorrer JUNTO AOS ENVOLVIDOS no fato, objetivando eliminar dúvidas, o mesmo deve ser realizado no contexto presencial”. E argumenta ainda que “esse é o entendimento dos jornalistas mais conservadores e, no entanto, pode invalidar o final da assertiva ao dizer que se pode lançar mão da checagem”; pressupondo-se que se refere, no final, à checagem presencial. .

JUSTIFICATIVA:

O candidato acusa a formulação do item II da questão 50 de ser incoerente, e não percebe que foi refém da sua própria interpretação baseada em duas falsas premissas; **1)** A de que a checagem dos fatos junto aos envolvidos tivesse de ser apenas presencial e, ainda afirma ser este o entendimento de jornalistas conservadores. **2)** A de que a referência à necessidade da “checagem dos dados junto aos envolvidos no fato, no contexto presencial ou não” estaria “lançando mão” da checagem. Ora, a incoerência está na percepção equivocada sobre o que a questão coloca. Justamente porque não defende uma postura conservadora, a questão reconhece a possibilidade da averiguação dos fatos ser realizada presencialmente ou não. Quer dizer, reconhece a possibilidade desta ocorrer não só no contexto presencial, mas também via telefone, *email*, *Facebook* ou demais redes sociais. As teorias sociais da mídia explicam muito bem a tendência crescente das pessoas (principalmente os jornalistas) fazerem uso dos contextos híbridos de interação social, desfrutando progressivamente da convergência tecnológica. Falar em contexto híbrido significa entender a oportunidade das pessoas de participarem simultaneamente de diversos contextos interativos. Cada um deles; se *face a face*, *mediado* ou *quase-mediado*, apresenta determinadas características em relação à forma como lida com as referências de Tempo e Espaço, que tais aparatos tecnológicos de comunicação possibilitam. Assim sendo, o item II refere-se à necessidade do jornalista checar dados junto aos envolvidos com o fato, fazendo isto seja presencialmente ou por meio de outro contexto mediado, seja este um diálogo telefônico ou um bate-papo pelo *Facebook*. Portanto, não há incoerência alguma em tais considerações. Não foi dito na citada questão que o jornalista devia checar ou não checar; e sim que se podia fazê-lo presencialmente ou não, pelas razões apresentadas acima. Além do mais; presume-se que as fontes duvidosas provindas da internet, citadas no item em questão, obviamente não seriam as mesmas consultadas e/ou entrevistadas pelo jornalista no momento de checagem das informações!. Digamos que um determinado *site* parisiense ou agência de notícias francesa divulgue que o cantor e compositor Chico Buarque vá comemorar seus 70 anos, em *tour*, somente por países da Europa. Mesmo que tais fontes sejam confiáveis, um jornalista brasileiro, com um mínimo de bom-senso e experiência profissional, buscaria checar tal informação com um assessor de imprensa ou empresário do músico, se não com ele próprio ou por meio de endereços eletrônicos pessoais ou, ainda, procurando fontes na internet que tenham confiabilidade no Brasil e no exterior. Por outro lado, é importante lembrar que o contexto presencial não é garantia de fidelidades das fontes. Recentemente, já iniciados os jogos da Copa no Brasil, um renomado jornalista brasileiro chegou a entrevistar, por engano, um sócio do técnico da seleção brasileira, o ator Vladimir Polomo, pensando tratar-se de fato de Felipe Scolari. “Na certeza de ter conseguido um furo de reportagem, o jornalista Mario Sergio Conti publicou uma entrevista com um sócio do treinador da seleção, como se fosse o próprio”. Segundo a Revista Forum: “Quem procurar não vai achar nem no site da *Folha de São Paulo*, bem como no portal *O Globo*, que já deletaram o que pode ser a maior gafe jornalística desta Copa do Mundo e talvez de toda a história dos mundiais”. Ainda de acordo com esta fonte: “O mais absurdo de tudo é que o sócio de Felipão entregou seu cartão de visitas, onde se apresentava como sócio do treinador. E todos os jornalistas do mundo sabiam que Felipão e Neymar estavam em Fortaleza. E não numa ponte aérea entre Rio e São Paulo. E mesmo assim, os dois maiores jornais do Brasil (*Folha* e *O Globo*) e um dos jornalistas mais

experientes dessa mídia tradicional demonstraram como são lenientes com os princípios básicos do jornalismo. É uma demonstração clara do nível atual da imprensa brasileira”.

Desta forma fica mantido o gabarito, uma vez que o recurso é improcedente.

Fonte Bibliográficas:

BURKE, P. Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet. Trad. de M^a Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTELLS, M. A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Roneide Majer. Vol São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CESNIK, Fde S. Globalização da Cultura. Barueri, SP: Manole, 2005. (Entender o mundo; v. 8)

IANNI, O. A Era do globalismo. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1999.

NEVEU, E. Sociologia do jornalismo. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OLIVEIRA, P S de. Introdução à sociologia. São Paulo: Editora Ática, 2002.

THOMPSON, J B. A mídia e a modernidade - uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Ideologia e Cultura Moderna - Teoria Social Crítica na era dos meios de comunicação de massa. Trad. Grupo de estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da PG do Instituto de Psicologia da PURCS - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VILCHES, L. “Globalização comunicativa e efeitos culturais” in Globalização, mídia e cultura contemporânea. (Org) Denis de Moraes. Campo Grande-MS: Editora Letra Livre, 1997.

Consulta eletrônica:

<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/06/falha-da-folha-colunista-entrevista-felipao-errado/>

QUESTÃO 54.

Situação: Improcedente.

RECURSO:

Alega que “Nesta questão está sendo abordado um assunto referente a teorias do jornalismo, no entanto, no edital, especificamente em conhecimentos específicos de jornalista, não apresenta teorias do Jornalismo.”

JUSTIFICATIVA:

O fato de não constar o nome explícito “Teoria do Jornalismo”, designado desta no edital deste concurso, não significa que boa parte do conteúdo pertinente a essa área de conhecimento não tenha sido incluída. Muito pelo contrário! Tanto no item 1 quanto no 4, vários itens relativos ao tema são mencionados; a saber: “1. Teoria da Comunicação. Papel dos meios de comunicação na construção da realidade social. Teorias

sobre a produção da notícia e seus efeitos. 4. Características, linguagens e técnicas de produção, apuração, entrevista, redação e edição para jornal, revista, rádio, internet, TV e vídeo. As condições de produção de notícia. Princípios e orientações gerais para redigir um texto jornalístico”. Para que fique melhor entendida a relação entre tais temas, inseridos no edital, e suas respectivas áreas de conhecimento, bem como a bibliografia pertinente para o seu reconhecimento no âmbito do estudo e domínio no exercício da profissão de jornalista, seguem adiante alguns dos tópicos (semelhantes ou mesmo idênticos aos acima citados) que constam no sumário de dois dos principais autores na área em discussão. **Primeiro:** “**Parte I.** As teorias da notícia. O jornalismo e seus referentes. **Parte II.** Os efeitos sociais da comunicação jornalística. O papel dos meios jornalísticos (Teorias da notícia e do Jornalismo. Sousa, Pedro Jorge. Chapecó: Argos. 2002). **Segundo:** O texto das notícias impressas, Modelos de realidade, Linguagem jornalística, O texto na Reportagem e Textos na mídia eletrônica.” (Teoria e Técnica do Texto Jornalístico. Lage, Nilson. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005).

Desta forma fica mantido o gabarito, uma vez que o recurso é improcedente.

Fonte Bibliográficas:

Lage, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

Sousa, Pedro Jorge **Teorias da notícia e do Jornalismo.** Chapecó: Argos. 2002

QUESTÃO 56.

Situação: Procedente

RECURSO:

Apontando o item C como o correto, a questão subverte e restringe o conceito de HOUSE ORGAN ao afirmar: “House-organ pode ser entendido como uma publicação exclusivamente dirigida para o público externo (fornecedores e clientes) de uma instituição.” Segundo Bueno (2003), house organs é um termo utilizado genericamente para designar as publicações de uma organização, **SOBRETUDO** as que se endereçam ao PÚBLICO INTERNO. Em regra, essas publicações são consideradas veículos de comunicação dirigida, especificamente para o público interno de uma instituição. Apesar de também poder ser distribuída a outros públicos, essa não é a regra, mas a via de exceção. Além disso, alguns autores como Margarida Kunsch definem que o público interno de uma organização não precisa estar “lotado fisicamente” dentro da empresa, enquadrando fornecedores no conceito de público interno. Sendo assim, apenas o item I está correto e, observando que não há essa opção entre as alternativas, pede-se a anulação dessa questão.

JUSTIFICATIVA:

De fato, o recurso é procedente pois na formulação das alternativas a serem marcadas deveria haver a opção “Apenas a alternativa III está correta”, já que o item I está incorreto. Tal opção não foi disposta entre as alternativas.

A Banca se manifesta pela ANULAÇÃO da questão.

QUESTÃO 57.

Situação: Improcedente

RECURSO:

Ao se referir à nova geração de profissionais no jornalismo, a questão traz itens que não condizem com a totalidade dos jornalistas, trazendo uma visão reducionista e preconceituosa da profissão ao dizer que os

mesmos não realizam cobertura, redação e edição, funções típicas, se tornando simples articuladores. Considerar esse item correto é subjugar o trabalho de empresas e profissionais que realizam seus trabalhos conforme a ética e a deontologia da profissão. O mesmo ocorre no item 2, quando é afirmado sistematicamente que as matérias são simplesmente recicladas de outras fontes, como se não houvesse apuração. No último item, mais uma vez é levantado uma situação que não é ceita pelo código de ética, uma vez que a profissão de jornalista não pode ser acumulada com a de assessor de imprensa. A questão traz anomalias que podem ser geradas tanto no ambiente virtual quanto no jornalismo tradicional e que são passíveis de processos e censura pelo sindicato dos profissionais. Estando todos os itens incorretos e não havendo essa opção, solicita-se a anulação da questão.

JUSTIFICATIVA:

O contexto a que se refere a questão é caracterizado pela hibridização e interferências próprias do momento histórico atual, responsável por gerar uma nova classe de profissionais que, não corresponde à totalidade dos jornalistas, mas que convive com as demais tanto no ambiente virtual como no jornalismo tradicional.

Desta forma, não trata-se de reducionismo, mas sim de identificar aspectos pontuais que tem ocorrido de fato no mercado jornalístico.

O objetivo da questão foi identificar o conhecimento dos candidatos sobre este momento de transição e migração, sabendo-se que no campo acadêmico têm sido desenvolvidas investigações sobre os tangenciamentos que atingem o jornalismo enquanto profissão historicamente construída em consequência das transformações que vêm se produzindo no campo do jornalismo e que vêm afetando o status e a identidade do jornalista, reflexão extremamente pertinente para os profissionais da área.

Sant'Anna já havia identificado este cenário e propôs explicar tal situação pelo critério de mutação social, uma transformação de perfis e espaços profissionais provocada por conjunturas sócio-econômicas e culturais.”

Além disso, Zélia Leal Adghirni (.) aponta que a forte rejeição que a ideia da FENAJ de criação do Conselho Federal de Jornalismo sofreu de jornalistas consagrados revela a opção pelo jornalismo de mercado contra o jornalismo de responsabilidade social.

Pierre Bourdieu (1997, p.30) já considerava o mundo dos jornalistas dividido em conflitos, concorrências, hostilidades. Um mundo hierarquizado.

Desta forma fica mantido o gabarito, uma vez que o recurso é improcedente.

Fonte Bibliográficas:

ADGHIRNI, Zélia Leal. **O Jornalista: do Mito ao Mercado**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol.II, nº. 1, 1º semestre de 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SANT'ANNA Francisco. **Mídia das Fontes: o difusor do jornalismo corporativo**. Brasília, Casa das Musas, 2005.